

Bracher afirma que o deságio será sobre juros e não sobre o principal

GRAÇA MAGALHÃES-RUETHER
Correspondente

VIENA — A reação dos banqueiros tem sido, até agora, muito positiva, disse ontem o Assessor Especial para a Dívida Externa, Fernão Bracher, depois de encontros com banqueiros da França, Suíça e Alemanha Ocidental. Nesses encontros, Bracher apresentou, em linhas gerais, a proposta do Governo brasileiro de transformação da metade da dívida em títulos mas, dentro de um contexto global, negociável.

Ao Presidente do Deutsche Bank, o maior da Alemanha e o quarto maior do mundo, Alfred Herrhausen, Fernão Bracher explicou que os brasileiros não procuram um desconto, mas uma fórmula sadia. Nas circunstâncias atuais do mercado, os títulos do Brasil estão com uma cotação mais baixa. Mas ele esclareceu ao banqueiro alemão que o desconto de preço desses papéis, que podem equivaler a 30%, será apenas de juros, ou seja a diferença entre os juros propostos e os de mercado.

— Eles sabem, como a gente, que o maior interesse é dos brasileiros, disse Bracher na capital austríaca, onde participa, juntamente com o Ministro Bresser Pereira, o Diretor do Banco Central Antônio de Pádua Seixas, Embaixadores Marcílio Marques Moreira, de Washington, e João Tabajara, de Viena, do "U Congressional Summit, An Economic Agenda for the 1990's", uma reunião dos membros do Clube de Paris promovida, este ano, pelo banco austríaco Creditanstalt.

A proposta — divulgada pelo Ministro Bresser Pereira em conferên-

cia na reunião de Viena — ainda não está definida e o Brasil está disposto a receber sugestões. Foi o que circulou, ontem, no Palais Ferstel, local da reunião. Alguns banqueiros já apresentaram sugestões de técnicas de mercado, que tornem os títulos mais aceitáveis.

A maior resistência — como disse um banqueiro presente à reunião encerrada ontem — é que, ao transformar a quantia da dívida em títulos, os bancos terão de fazer um **write off**, ou seja, lançamento como crédito de liquidação, o que pode ser traduzido como prejuízo. Mais receptivos à proposta estão exatamente os bancos europeus que têm menos dinheiro emprestado ao Brasil.

Um fato positivo, visto pelos banqueiros, é a nova política brasileira de procurar os bancos, em vez de procurar os Governos dos países credores. Isso foi o que disse o Presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet. Para o Senador Democrata Charles Schumeer, a iniciativa é até mais importante do que o Plano. O Brasil, disse ele, é o primeiro País endividado a tomar a iniciativa de uma solução para o problema de maneira criativa.

O detalhe mais discutido dessa proposta é sobre a garantia dos títulos. Nas conversas que manteve, ontem, e em entrevistas em inglês, francês e alemão, o poliglota Bracher disse que garantia é a capacidade de pagar e o "nosso interesse é cumprir, se houver um programa conjunto, onde todos contribuam. O mais importante é que, desta forma, o Brasil poderá voltar ao mercado, do qual se distanciou por causa da forma de abordagem da dívida".